

Erika Mattos da Veiga

NONA

“Mostra! Mostra como você faz o truque” gritou abandonando as pernas soltas no ar, sustentando o peso do corpo no pescoço da negra, um cacho de flores amarelas esparramado no chão, um longo galeio para trás e a temerária brincadeira de criança alçando um inesperado voo destemido, de costas, pernas magrelas de menina defeituosamente esticadas como as de uma bailarina amadora, a saia da camisolinha inflada, branca, feito um balão, os pés, por último, afundando descalços na lama resultante do que fora vento e chuva inundando, na madrugada, o quintal, e as mãos fiandeiras da negra que buscavam contê-la, e ela empinando o rosto à maneira de um desafio, o esplendor dos cabelos louros varrendo a curta distância entre as duas rivais, e depois os pezinhos descalços marcando de lama as pedras acinzentadas compondo a extensa varanda, ganhando, emporcalhados, a cozinha, onde quatro mãos rústicas, visivelmente mais ágeis que aquelas que a perseguiam, preparavam o almoço, e ela fugindo, a barra da camisolinha suja de lama obstruindo a desordem atabalhoada dos passos em disparada rompendo a penumbra desabitada do andar térreo no sobrado, subindo o esplendor superlativo da escadaria de mármore, atravessando, no pavimento superior, magníficos cômodos iluminados pelo calor da manhã, sucessão de aposentos interligados por pares de portas monumentais, altíssimas portas que ela escancarava afastando as metades de madeira inteiriça, deixando entrar o amarelo do sol amornando o quintal, evaporando a chuva acumulada nas folhas da árvore abrigo a tumultuosa orquestra de passarinhos, restituindo firmeza à terra encharcada fixando a verdura do gramado no pátio, clarão amarelo iluminando a camisola de algodão, dois cordões desamarrados pendentes da altura da gola meticulosamente rendada, dois cordões e o

evidente desleixo da gola desbeijada no ombro, as mangas compridas escondendo ambas as mãozinhas rechonchudas afastando cortinas, descortinando portas-janela, 'Mostra! Mostra! Mostra!', seguia bradando, e a voz distante da negra tentando impedi-la, e ela cada vez mais rápida, descalça, deslizando sobre a tábua corrida no chão, ganhando varandas, mosaicos de pedras acinzentados represando água da chuva, dissolvendo a cada passo a lama incrustada nos pés, espécies de pãezinhos de leite donde brotassem pequenos dedinhos sujos, fenômenos de capilaridade alastrando a nódoa castanha no algodão enfartado da camisola, e ela voando, as mãozinhas dedilhando arabescos das grades de ferro impedindo mergulhos, fossem ou não acidentais, de crianças destemidas desde a sacada até os canteiros folhudos no chão, os volumosos cabelos louros esvoaçando até a linha da cintura, embaraçando-se de tão leves, deixando para trás, qual pluma que o vento indiferente carrega, fios presos às circunvoluções de um gradeado, ao espaldar de uma cadeira, e ela incansável, e outras gigantescas portas que se abriam no imenso sobrado, e os enormes olhos verdes inquietos, perscrutando outros inopinados rumos, novos desconhecidos pequenos espaços por que se esgueirar, e ela correndo desvairada, uma criança precocemente louca, chocando-se contra tudo o que se encontrasse em seus impensáveis novos tresloucados caminhos, e a linda mãezinha no centro de tudo, forma materna de olho enfermão do furacão, sentada muito ereta e firme em frente à suntuosa penteadeira, as rendas da camisola, branca, idêntica à da criança, impecavelmente engomadas, dois cordões de extremos simétricos cuidadosamente atados num laço vistoso, as três bandas de espelho dispostas à maneira de um biombo, e ela, a linda mãezinha no centro de tudo, segurando um antigo espelho de tucador, a mão destra ora escovando os lustrosos cabelos louro-cinzentos, ora acomodando, uma a uma sobre a cabeça, o mau presságio das horrendas flores cor de abóbora pousadas sobre o tampo de pedra, arremate do mobiliário herdado de longínquas anteriores gerações de mulheres enfermas daquela família, a linda mãezinha, fragilidade doentia no olho do furacão, e a menina que se detém por um instante, tocando, sem que à mãe fosse possível aperceber-se, as

delicadas fibras do cor de cinza deslizando em suas mãos, um átimo comportando a realização do desejo frustrado de toda uma vida, até que, descuido seu, à negra foi possível aproximar-se a ponto de quase alcançá-la, e ela, que assim surpreendida, afastando-se, reinvestiu com a mesma exigência, 'Mostra como você faz o truque', lançando-se em desamparada corrida, os pezinhos úmidos escorregando na lisura do chão, a camisola puindo, esfarrapando-se em meio a tropicões, seus e da negra, dilacerando-se, ela também traiçoeira, na tentativa de fazê-la parar, e ela que novamente alcança a superlativa escadaria de mármore, a gigantesca escadaria de cujo topo alça um estranho voo, metade aventura fantástica, metade queda fatal, num rápido suceder temerário de lustre, tábua corrida, vidraça, corrimão e degraus, o corpo de menina acidentada que se dobra até quase partir, a sensacional aterrissagem, de joelhos, na fabulosa sala ao rés do chão, tapetes, estatuetas e vasos de cerâmica espalhados sob o efeito do choque, revirados sobre a aparentemente infinita monotonia de pedra polida alastrando-se até o pórtico central, pela primeira vez, seria aquilo mesmo possível?, em todos aqueles anos, escancarado à sua frente, concedendo-lhe assim sua única arrebatada chance de, e ela que se coloca de pé, e então, numa velocidade indizível, o alpendre de quatro pilastras rebuscadas, os três degraus, prenúncio do caminho de pedras entremeando grama rarefeita, ramalhetes de flores silvestres antecedendo, coloridas, o gramado mais denso pontilhado de lamaçais, cheiro de húmus e terra escura encharcada, o gramado robusto, revolvido pela torrente da tempestade, o gramado vigoroso donde irrompiam caules, flores, um tronco central, irregular e castanho, rodeado por inúmeros pequenos cadáveres como aqueles postos sobre o tampo de pedra da penteadeira, e ao final uma espécie de rejunte simbólico na fronteira sobrado-calçada, o portão e o muro, e neste momento, mãos escuras que a agarram, e ela que escapa, correndo em velocidade que em nada correspondia aos limites daquele corpo mirrado em formação, e depois, para além-muros, a calçada e a guia, ambas, porque já se adiantara o verão, encobertas pelo tapete cor de laranja das flores de cinco pontas entremeando gravetos e alguns troncos menores que a ventania e a chuva haviam

feito cair, e a rua adiante, sem automóveis, e ela que já não corria mas voava, a camisola desfeita resumida a uns poucos fiapos, criança cujo único recurso era evadir-se, ganhando, absurda, a calçada estufada de soberbas raízes ondulando o tapete vivo estendido no chão, e ela escapando solta, incontrolável e nua pela planície que era o bairro deserto, e ela evadindo o sobrado, entidade sobrenatural descabida evadindo a carapaça daquela abominável prisão, 'Mostra como você faz o truque!,' exigiu mais uma vez, as mãos crispadas dirigidas ao céu, as veias e o pescoço estufados, quando a mão pesada finalmente logrou interromper o disparate da fuga, quando a mão pesada sacudindo-a, e, inopinada midríase de olhos verdes postos no azul da poltrona, gosto amargo na saliva espessa da boca que pendia dormente, divisou, incapaz de compreender, vestida no exato azul da poltrona, a comissária ao seu lado, matraqueando, imensa boca de falsos sorrisos deixando transparecer impaciência por meandros do exagero róseo da maquiagem, frases incompreensíveis num vagamente conhecido idioma estrangeiro. Coração disparado, como se a sacudisse uma cardiopatia fatal, lembrou-se, apalpando, sôfrega, o colo e a poltrona ao seu lado, da bolsa, da preciosa bolsa da qual jamais se poderia, naquele e em outro qualquer lugar ou país, separar. Lembrou-se da bolsa com ênfase no fato de que de mais nada sabia. Apalpava tudo o que alcançava em redor, lembrava-se da bolsa, mas desconhecia o local onde estava, bem como o motivo daquela inflexível poltrona azul erigida em frente, confinando-a, a partir do par de joelhos, a uma incômoda postura de pernas dormentes. Também pouco conhecia a razão por que, posta de pé ao seu lado, uma comissária cacarejasse. Perdia-se em incertas divagações nebulosas, o rosto voltado para a janelinha deixando ver a asa da velha aeronave, quando suas mãos toparam com o couro macio da bolsa tombada entre a base lateral da poltrona e a fuselagem. Agarrada à bolsa, ergueu-se bruscamente mas. Frente à inesperada resistência do cinto de segurança atado à sua cintura, frente ao que desconhecia, desmoronou, num estrondo, de volta à estreiteza do assento, tendo sido, não saberia de qualquer maneira precisar, se somente auxiliada ou se efetivamente socorrida, por três comissários amparando-a desde

o exíguo corredor até o cimo da escada metálica posta rente às costelas de dinossauro do pequeno avião.

Comprimindo entre tronco e antebraço a bolsa circunscrevendo tudo de que não se poderia jamais, naquele outro país distante do seu, separar, enlaçada pelo pressentimento contundente, pela certeza, de que naquele lugar, naquela ilha, algo de ruim se daria, desceu, insegura, amparando-se no velho corrimão bamboleante, interrompendo-se aqui e ali a fim de verificar se nada do que não se poderia jamais, naquele outro país, uma ilha, se deixava ficar esquecido, a escada metálica barulhenta estalando ao peso de passos, tripulação e bagagens. Confundida, última passageira egressa do velho avião, cega da claridade, procurava, a névoa sintética de substâncias inundando a massa cinzenta dos pensamentos, a pequena caixa retangular guardando a fragilidade dos óculos escuros. Temia os haver esquecido no interior do avião, talvez na cava do piso forrado de carpete, especificamente entre a fuselagem e a estrutura metálica da poltrona, talvez embaixo do assento numerado que por intermináveis horas, o par esguio de suas longas pernas encolhidas, dois joelhos impresados contra o forro azul erigido em frente, havia ocupado. Desorientada, vacilava. Maus presságios emanados em redor cingindo-a como um torvelinho, por vezes, buscando em torno, tencionava voltar. Desistir. E ela muito vaga, absolutamente perdida, a nuvem de confusão rodopiando em sua cabeça, ela balbuciando interjeições de incredulidade, interrompendo-se por um instante, para em seguida prosseguir apressada, fugindo ao calor do asfalto refletindo a violência de todo gratuita do sol. Estupenda claridade cegando-a e a cabeça em roda, seu país, o minúsculo reservado no aeroporto, um pequeno eppendorf, a aeronave que se espatifa no mar, alguns comprimidos, e pensamentos cambaleantes reconstituindo a passos trôpegos as mais recentes lembranças remetendo-a, incertas, à caixa onde, com certeza, com toda absoluta certeza de que um toxicômano poderia dispor, pusera o par elegante de seus óculos escuros. Atenção concentrada no esforço de esquadrihar possíveis dobras no fundo da bolsa, perdeu momentaneamente o senso de direção, indo-se chocar contra um passageiro que, como ela, seguia rumo à pequena cons-

trução, ares administrativos da sede de um garimpo abandonado, conjunto em decomposição rente a pistas clandestinas do que não chegava a verdadeiro aeroporto.

Encontrou-os, caixa e par de óculos escuros, somente após haver adentrado o calor abafado da minúscula sala, fornalha de paredes de madeira sustentando telhas de amianto, caixote sufocante onde a velha esteira roncava correndo vazia. Refugiou-se, um tanto agitada, por detrás das lentes escuras, pois aquele não era lugar seguro para alguém como ela. Aquela não era, em todo caso, lugar para ela. Aquelas pessoas, aquele calor, nada naquele lugar inspirava qualquer confiança. Cedo ou tarde tentariam qualquer coisa, cedo ou tarde, distante de seu país, algo de ruim. Recuando, evidente rejeição à feiúra decadente daquele lugar, ocupou-se, posicionada a poucos passos da cabeceira da esteira, da desdenhosa observação de passageiros, vozerio de altercação que se aproximava, falatório de homens amalgamados a mulheres trazendo consigo, rente às muxibas tombadas dos seios, bagagem e crianças surradas, passageiros que se multiplicavam, aglutinando-se, simplórios, ao longo do lamento de ripas claudicando a poucos centímetros do chão. Reprovava, postura muito ereta, o semblante coagido, a forma espalhafatosamente colorida como se vestiam as pessoas, suas vozes; somado a isso, o todo aleatório, a desorganização com que pululavam agitados, os trejeitos largos nos rostos mestiços, a maneira imensa como arreganhavam os beijos em sorrisos de dentes faltantes, amontoados de ilhéus esmolambados, excêntricas galinhas canibais prontas a devorarem-se umas às outras. Muito empertigada, o rosto imóvel como se fora de pedra, acompanhava com crescente repugnância, afastando-se pouco a pouco da multidão, a precoce feiúra acometendo os rostos magros das crianças calçando sapatos sem meias, o gestual exagerado de passantes carregando bolsas e sacolas esfiapadas, medonhas trouxas disformes que tilintavam. Media, com redobrado interesse, a delicadeza arrebata do nariz mantida um tanto torcida, um ou outro movimento involuntário denunciando crescentes ondas de asco, o mau gosto fixando a imobilidade engenhosa dos penteados altos demais, cujo negro, muito esticado (duvidava que se

mantivessem estáticos sem qualquer intervenção sobrenatural), refletia, de cima das cabeças achatadas das mulheres rodeando, como urubus, a esteira arquejante, a pouca claridade bruxuleando na sala. Braços cruzados à maneira de anteparo, reparava quase-enojada no contorno retinto dos fartos bigodes antecedendo bocas banguelas, pavorosas bocas-de-lobo escancarando ruidosas gargalhadas, esporádicas resplandecentes aparições de agourentos dentes de ouro relembrando-a que ali não era o sobrado, que ali não era lugar para alguém como ela. Enlaçou-a, ainda mais rigoroso, o medo irracional da criança que ouvira Dindinha, saía estampada de chita suspensa para além dos joelhos, a boca antes frouxa ora repuxada em infalível ameaça, prometer, por Deus que prometia, que se continuasse fazendo daquela maneira, que se não se portasse como uma devida mocinha, caso não parasse naquele instante com o faniquito e o injustificável comportamento, um cigano medonho, torrões de ouro à maneira de dentes, um homem imundo, bruto, sem religião e infinitamente cruel, um homem desalmado e, sobretudo, perigoso, um homem obsceno, destes que vivem em carroça, viria à noite, escalando a espatódea em frente à sacada, sequestrá-la. E então era o sobrado naquela sala de paredes azuis, o sobrado na sede do garimpo abandonado, na sala apinhada de ciganos rodopiando repleta, e, no centro de tudo, referencial inerte do assentamento em redor, a toxicomana, centro do carrossel impulsionado na esteira, hediondo carrossel de fibra de vidro esfiapada, em cujos sinistros cavalos sorridentes se empoleiravam quatro gerações de ilhéus andrajosos trazendo, tilintantes, reles pertences. Desesperada, tateando o fundo da bolsa, assistia ao transbordamento da sala, carrossel alucinado estalando sob o peso da ciganada suarenta, imenso acampamento nômade girando impulsionado no calor do casebre, buscava, os dedos aflitos revirando tudo, os comprimidos de que seu questionável equilíbrio estava, e quanto a isso não havia ilusões, alta rotação de carrossel que, fatalmente descarrila, tragicamente dependente. Mas, relincho agudo de um cavalo que, sorrindo, se desprende do carrossel, nefastos dentes de ouro rodopiando em disparada, esteira claudicante que se arrasta na velocidade impensável da debandada

de um tropel, à estrangeira cercada pela turba revivendo planos de sequestrá-la, à criança desenganada fugindo às maldições que lhe imprecara Dindinha, não havia, mãos ágeis que, incessantes, tudo reviram, no fundo de cetim, qualquer antídoto contra a vertigem naquele lugar. Retrocedendo, pôs-se contra a pilastra espetada no centro geométrico da sala, buscou nas paredes de madeira, cuja pintura azulada descascava, uma forma de fugir àqueles ciganos. Ciganos que a viriam roubar. Ciganos que roubariam o que era seu, levando-lhe a bolsa, as joias e até mesmo a roupa com que estava vestida. Fariam exatamente como um dia lhe havia predito Dindinha. E, por isso, precisava fugir. Precisava fugir, pois, era claro, viriam roubá-la. Viriam roubá-la, seguro que viriam, e, no fundo da bolsa, nenhum benzodiazepínico capaz de livrá-la da danação do tropel atravessando pradarias do casebre apinhado. Roubariam tudo o que era seu e, talvez, como sempre planejaram fazer, sequestrassem-na para, raça de depravados, dela, criança indefesa que, um dia, Dindinha amaldiçoara, servirem-se com indescritível selvageria, uns após os outros, os olhos reprovadores do pai postos sobre si, enfatizando, inclementes, que a culpa fora dela exclusivamente, que fora dela toda a culpa, pois fora ela quem se havia exposto insinuante, pois fora ela quem decidira viajar para aquele país, pois fora ela quem se portando daquela maneira não se havia preservado ao ataque, de todo previsível, maculando, vergonha indelével, toda a família. Mas, que restasse claro que, apesar de tudo, não se tratava de nada daquilo que logo viriam a pensar. Não significava que ainda se sentisse insegura ao deixar o sobrado. Não era nada daquilo. Mas aquele lugar. Aquelas pessoas. Era preciso convir. Não sabiam quem ela era e muito menos quem era seu pai. Não sabiam. E, por isso, representavam perigo. Além disso, vestiam-se daquela maneira, falavam alto, torcendo a boca, aquele outro idioma. Eram pobres. Gente paupérrima como Dindinha. E, de toda forma, daquela vez não poderia voltar. Não daquela vez. E nem quereria. Mesmo que o permitissem. Não sentia qualquer necessidade de voltar. Afinal, não havia riscos e seriam apenas dois dias. Quanto ao pai, finalmente ver-se-ia obrigado a reconhecer. E, no mais, na sala, um balcão vazio, um balcão excessi-

vamente alto para a compleição dos habitantes daquele lugar, um balcão sem préstimo, de madeira barata, empenando sob o efeito do terrível calor cozinhando a multidão aglomerada à espera do que parecia jamais, por fim, incansável serpente que se contorce no quadrilátero grosseiro do chão, um dia, chegar. Lavada em suor, mangas da camisa encharcadas entre as axilas, necessitava enfatizar que não era apenas mais uma, que era distinta em relação àquelas outras pessoas, necessitava desesperadamente escapar aos olhos persistentes daqueles mestiços baixotes, reconhecer-se no espelho, enfatizar que não era a próxima na sucessão de mulheres enfermas naquela família, esvaziar a bexiga extenuada de tanto esperar, respirar novos ares, escovar os cabelos, fugir, embevecida no lento cerimonial de sua toalete, à ameaça de que, sacudida no interior sórdido de uma carroça, a levassem para ainda mais longe de tudo o que conhecia. Retocar as imperfeições da maquiagem desfeita, deitar-se calçada e completamente vestida numa cama confortável de hotel e, assim, a bolsa de que jamais se poderia separar em suas mãos, acordar no dia seguinte, distante daquele lugar, esquecida das paredes de madeira descascando tinta e azul, liberta dos olhos de amêndoa calculando-lhe, de esquelha, os menores movimentos, planejando desta vez, por fim, sequestrá-la. Fugir e tirar de sob as solas das sandálias a rudeza daquele chão, fugir e colocar-se ao abrigo daquele burburinho medonho, fugir e esquecer a hipnótica repetição da esteira, indo e voltando sempre vazia, barriga em carne viva que se arrasta manchada no chão, marcas de tinta branca de um passado incerto, indo e sempre voltando, serpente desterrada do paraíso condenada a perseguir as ripas da própria cauda, saindo e em seguida tornando. Ofegante, tirou de dentro da bolsa a mão trazendo, no côncavo da palma enlameada de suor, a benfazeja cápsula, salvadora combinação de substâncias ilicitamente reunidas num mesmo envoltório, receita nascida das relações informais mantidas com o prescritor amigo da família e estreitadas desde a doença da mãe, oitava na cadeia sucessória de enfermas em sua família. Apertando muito os olhos, virando num golpe o pescoço, lançou a cápsula fundo na garganta, deglutindo-a num movimento sonoro de goela que se contrai, seca. Com um certo

ar de bravata em seus movimentos, despegou-se da pouca largura da pilastra, virou-se, decidida a enfrentar multidão. Dissimulada, fingiu não perceber a insistência amendoada com que a observam, mulher de porte esguio, muito diferente dos habitantes daquele lugar, espáduas angulosas, qual charmoso cabide, tecido branco pairando levíssimo sobre sandálias rasteiras. Afetando indiferença, tirou da bolsa a caixinha dourada do batom cor de boca, ajeitou-a à exata distância capaz de deixar ver refletida, no pequeno quadrilátero do espelho, a beleza correta do rosto, ali, inequivocamente estrangeiro. Alinhou os cabelos louros ainda um pouco amassados, conferiu a simetria dos brincos de brilhantes, endireitou sobre a delicada estrutura do nariz os enormes óculos escuros, engoliu, charmosa, a saliva espessa, na qual persistiam vestígios ilícitos da cápsula de que dependia seu frágil equilíbrio. Sorriu verificando a limpeza dos dentes, fechou a caixinha, constatou, de relance, que dezenas de curiosos acompanhavam cada um dos gestos de seu toalete improvisado. Constrangida, guardou-a, fazendo desaparecer todo o esplendor dourado dos arabescos num compartimento do interior revolto da bolsa, cruzou os braços de maneira a isolar-se. Suspirou meneando a cabeça, baixou novamente os olhos, de modo a, muito contida, acompanhar a legendária sucessão de ripas correndo na esteira. De quando em quando, mordiscando, por dentro, as bochechas, experimentava erguer os olhos, mas, além da esteira, mulheres formando um grupo em pleno assentamento cigano mediam-na, trocando, entre si, mãos encobrendo palavras cacarejadas por bocas transbordando batom, impressões sobre aquela presença destoante de outra mulher. Terrivelmente embaraçada, baixava o rosto, coçava, como quem pensasse em muitas outras coisas, a ponta arrebitada do nariz, cruzava, com mais força, contra o peito, os braços que as mangas brancas da camisa levemente cobriam. Imersa em fantásticos pensamentos de fuga, rompendo de uma vez por todas com os limites de tábuas daquela prisão, carrossel, carroça, ciganos e os olhos do pai, viu enfim apontarem as primeiras malas vindas da bocarra banguela cuja língua serpenteante era a esteira arrastando, como que exausta, o peso etiquetado dos volumes, incessantes recidivas de tumores benignos

extraídos à barriga do avião. Olhos de amêndoa ora atentos à chegada da bagagem, reaproximou-se, acanhada, do tumulto em torno do suplício mítico a poucos centímetros do chão: viu passar malas, aproximarem-se espécies improvisadas de trouxas, viu chegar pacotes, viu mãos grossas, cobertas de anéis de mentira arrastarem, aos trancos, para junto dos carrinhos que raquíticos carregadores vestindo uniforme amarelo vinham, surrados, oferecer, volumes estufados precariamente amarrados por barbantes e tiras. Concentrada nos movimentos da bocarra vomitando volumes que não eram os seus, viu findarem os espasmos glóticos das fitas de borracha escura deixando entrever o trabalho braçal de homens desocupando, vestidos com pesados macacões, reboques lotados. Presumiu-se, por conseguinte, estarrecidamente privada de seus dois preciosos volumes, presumiu-os extraviados, engolidos para dentro do oculto sistema digestivo antecedendo a bocarra, perpétuas engrenagens do maquinário triturando tudo, expondo às roldanas denteadas e à decrepitude daquele lugar sua intimidade perfumada de aparências e delicadas cores pastéis. Aterrada, antecipava em redor de si o círculo de curiosos observando-a de joelhos sob a esteira, roubando, ávidos, seus mais caros objetos de toalete, cortes de tecido e joias, ouvia, acima de tudo, seus comentários, o deboche em suas vozes, tentava, sem sucesso, impedir que horrorosas mulheres roubassem os retalhos de um vestido, os frangalhos de sua camisola predileta, via, como mãos grossas pontilhando bijuterias grotescas reviravam a discrição de seus pertences, remexiam e profanavam a coleção de seus cobiçados cosméticos, via as crianças hediondamente risonhas, trôpegas de transbordante hilaridade, assediarem-na, tocando-a, empurrando-a com feias mãozinhas mestiças, para, depois, sair correndo, gargalhando, incitadas por homens que, apoiados contra a inutilidade tosca do balcão, sorrisos enviesados irradiando clarões de ouro onde dentes faltavam, aguardavam a desforra de suas mui estimadas esposas, irrepreensível honradez da estreiteza moral vigente naquela exígua faixa de terra à deriva no mar. Via suas mãos de unhas bem feitas apoiadas contra a imundície no chão, os sapatos abrutalhados de outras mulheres pisando seus dedos, pisando, desal-

madras, de propósito, torturando-a com a sola tosca de seus calçados poeirentos, quando finalmente, assomo de ânsia renovando espasmos glóticos no casebre, apontou, trepidando no doloroso prosseguir de ripas na esteira, seu par de volumes-gêmeos, mala e valise caramelo, fechos de couro marrom cedendo à pressão de exageros do conteúdo meticulosamente acomodado para a curta viagem. Ignorando as ofertas que lhe lançavam, de uma só vez, três dos carregadores uniformizados de pavoroso amarelo, retirou da esteira os volumes, cada um a seu tempo, com inaudita empertigada autossuficiência estrangeira. Remotos vestígios de acampamento cigano desfeito em redor, deu as costas à esteira, arrastou, com o auxílio das rodinhas de que era guarnecida a mala, o exuberante par caramelo de seus cobiçados volumes.

Manobrando com cuidado a mala, trancou-se juntamente com ela, encimada pela valise, no claustrofóbico retângulo de um reservado. Despiu-se da calça de tecido cru e também da calcinha, urinou sem encostar-se na aparente limpeza do sanitário fosco e, olhos de toxicômana postos na bacia do cimento do chão, desejou – como, por Deus, desejava – um outro eppendorf. Enojada, enxugou-se, escrupulosa, na aspereza da folha de papel cujo rolo, pendente de um tubo metálico afixado à parede, já se via gasto para além da metade. Ávida necessidade de um novo eppendorf, tornou a vestir o amarfanhado da calcinha, abotoou o cós da calça comprida que o suor empapava. Depois, apertou com asco a válvula da descarga, destrancou com igual aversão o trinco prateado da porta. Espremendo-se contra a louça do sanitário e a mala, cedeu à porta espaço para mover-se, deixou o reservado trazendo atrás de si a sobreposição de mala e valise; voltou, assustada, ao interior do cubículo a fim de recuperar, esquecida no gancho irrompendo da parede, a bolsa contendo tudo de que, distante de seu país (com que avidez não desejava um outro eppendorf), não se poderia jamais separar.

Sobreposição de bagagens estacionada à beira da bancada da pia, destampou um a um os frascos etiquetados retirados ao conteúdo revirado da bolsa, cheirou-os, inebriada, o nariz posto dentro das aberturas rosqueadas, aliviando-se, relações metafísicas de

toxicômana que aos poucos parece regenerar-se, no odor químico de fórmulas proscritas. Protegendo as mãos com um lenço de papel perfumado, abriu a torneira da pia, observou-se, muito de longe, imagem diáfana impressa no velho espelho preso à parede sobre a pia. Pensamentos distantes da monotonia de azulejos cor-de-rosa revestindo o banheiro, a água chiando no curto trajeto separando dois extremos da tubulação escondida nas entranhas de concreto, escovou, movimentos mecânicos, os magníficos cabelos de um louro-cinzentos enigmático, quase hipnótico, ambos, colorido e enigma, herdados à mãe. Concluiu o penteado com as pontas dos dedos, ora distribuindo algumas mechas estratégicas ora escamoteando uns poucos fios que, muito severa em sua avaliação, julgava rebeldes. Lavou, com cuidado para não fazer borrar, as partes não maquiadas no pescoço e ossatura do queixo, fechou, novamente protegida pelo lenço de papel, o ruído esvaindo da torneira. Aproximando-se o mais possível do espelho pregado à parede, removeu, com o auxílio de pequenos chumaços de algodão, os excessos da maquiagem fugindo aos limites dos olhos, reforçou, em preto, o contorno desenhado pelo lápis castanho, desabrochou, em rímel, os cílios recolhidos por força das horas de sono induzido, reavivou, por fim, o discreto tom acobreado da sombra sobre a superfície retrátil das pálpebras. Com o batom, cuja caixinha de arabescos mais uma vez buscara ao compartimento interno da bolsa, refez o trajeto carnudo dos lábios, sobresaindo-os com a sutileza do brilho sem cor; interrompeu-a a simplicidade coagida de uma outra mulher que, encabulada, adentrava o recinto. Manifesto descontentamento estampado no rosto de boneca maquiada, aguardou, inumana, batom ironicamente suspenso no ar, o estalo da tranca vindo do reservado escondendo a feiúra bruta dos trajes daquela outra mulher para, só então, protegida por novo lencinho perfumado de papel, girar a borboleta da torneira, de modo a, contínuo chiado, abafar quaisquer ruídos emanados daquele aviltante convívio. Lavava as mãos no sabonete cremoso que buscara a uma nécessaire quando, ao escutar o borbulhar da descarga, interrompeu-se revirando os olhos com asco. Afetada, enxugou-se na pequena toalha cuja delicada barra bordada transbordava o bolso

sanfonado preso à lateral encapada da valise: “Gitanos”, proferiu clara e pausadamente, de modo a fazer-se escutar, um sorriso irônico de escárnio, gestos largos de uma atuação cênica simulando insulto de embriaguez contra as paredes cor-de-rosa do banheiro vazio. Concluído o esquete, devolveu tudo, apressada, a seus respectivos premeditados compartimentos na bagagem, trancou a valise, reconduzindo a chave do cadeado à divisão lateral do interior da bolsa: prevenia-se, antecipando-se aos olhos curiosos da mulher cobiçando o que era seu. Prevenia-se a fim de evitar os planos daqueles que, sem descanso, planejavam roubá-la. Observando com desdém a mulher acanhada que deixava, passos arrastados de modo a adiar o confronto, a exiguidade do reservado rumo a uma das cubas da pia, muito ereta, alisou, sem satisfatoriamente desamarrotar, o tecido branco da calça que vestia, afastou-se alguns passos da parede contra a qual pendia o espelho, de maneira a ver-se, senão de corpo inteiro, pelo menos em perspectiva mais abrangente. Ignorando aquela presença desagradavelmente simplória, pôs-se de lado calculando, orgulhosa, a esbelteza da cintura, perfilou, esticando o mais possível, a barra branca da camisa, a fim de que cobrisse, com recato, as perfeitas proporções do quadril. Simulando verificar no tecido da calça alguma incorreção ou requinte de acabamento, fixou a rude simplicidade das sandálias calçando os calcanhares escalavrados da mulher rente à pia. Demorou-se nesta tarefa, até esgotar o que de deplorável havia naquele detalhe desleixado da cena, ascendeu detidamente, regozijando-se na própria explícita crueldade, pelas pernas secas, morenas, arcadas de modo a afastar os joelhos, até deparar-se com a barra estampada do vestido marrom cujo único propósito era, de alguma malsucedida visivelmente desesperada maneira, soar minimamente digno. Sorriu com desdém, ajeitou o anel de ouro para que o detalhe precioso da pedra aparecesse no centro da falange do indicador; esticou muito os dedos em frente ao rosto, de modo a exhibir a si mesma os predicativos em suas mãos, balançou a cabeça afetando incredulidade ao divisar o couro gasto da pequena bolsa posta sobre a pia por aquela outra mulher, encontrou no espelho os olhos da simplória aldeã que de tudo a respeito daquele esquete sabiam. Fez com as sobrancelhas

uma expressão de indiferença para com as conclusões a que houvera chegado aquela insignificante escalavrada, e, prestando novamente fingida e compenetrada atenção em si mesma, jogou para o lado os cabelos, de forma a desfazer todo o trabalho anterior de melhor posicionar mechas escamoteando fios dissidentes e , mechas realçando a beleza do rosto, reaproximou-se da pia, tornou ao conforto alienante dos óculos escuros, fez com a boca uma espécie de bico do que julgava charmosa superioridade, apanhou com um sonoro suspiro entremeando indecifráveis interjeições, a suntuosa bolsa pousada sobre a bancada; arrastou para fora do toailete a bagagem, acompanhou de soslaio a mulher penteando, constrangida, com a singeleza barata de um pente plástico, as grosseiras unhas aduncas coloridas de esmalte cor de vinho, indo-e-vindo para em seguida tornar, a feiúra envelhecida dos cabelos grisalhos.

Furiosa – desde que deixara o toailete se lhe havia arrebatado qualquer coisa de impetuosa fúria empenhava-se, inteira, em um novo, mais arriscado esquete. Afetando não compreender, exuberantes cabelos louros deslizando pelo tecido branco da camisa, tentava, displicente, burlar a ordem que lhe endereçava a negra, uniforme de policial ostentando distintivo na lapela, ordem clara, muito simples e enfática, para que, sem óculos escuros, se deixasse comparar àquela possível outra mulher retratada no passaporte.

Tinha pressa; e fazia transparecer pela forma impaciente com que olhava o chão, e em seguida o teto de placas justapostas de compensado descoloridas de branco, suspirando muito fundo, jogando de um lado para o outro os cabelos, o pouco caso para com aquele sistema de normas legitimando a condecoração do uniforme da oficial segurando, entre gigantescas unhas postiças de porcelana, o passaporte. E por quê, afinal, obedecer? Quem eram eles? Aqueles ciganos mambembes aglomerados em torno da esteira agônica vomitando bagagens, aquela negra colossal, os cabelos dolorosamente esticados, reluzindo mau gosto sob o efeito molhado da camada de gel? E como se houvesse nela algum especial interesse por aquela ilha de incontestável desimportância à deriva no mar. E já que não cederia, já que

de maneira nenhuma viria a ceder, tornou a jogar os cabelos, desta vez com mais força, e mais alto, os fios magnificamente louros desenhando um arco de luz aspergindo notas de reparador de pontas e pêssego. E como não cederia, com que autoridade vinha aquela negra tamborilar com extravagantes unhas lilases de porcelana, o balcão que as separava, encarando-a, o cabelo esticado duro de gel, para além do vidro embaçado de perdigotos, grave, atrevida, um quase-sorriso irônico que não deixava ver o branco amarelado dos dentes? Não cederia, jamais cederia. Em hipótese nenhuma haveria de ceder, mas, esquete que terminava em fracasso, obedeceu. Demorou-se mas obedeceu. De maus bofes, estava claro, mas havia, sem sombra de qualquer dúvida, enfim obedecido. Fora acintosa, arrogante e impertinente, mas, enfim, era preciso malditamente reconhecer, havia acedido. Arqueou as sobrancelhas coroando os olhos verdes contornados de lápis castanho, mordiscou por dentro as bochechas, e, firmemente contrariada, acedeu levantando, com violência de criança deteriorada, os óculos para o topo da cabeça. Bufou desafortada, revirou com empáfia os olhos, mas, enfim, havia, insolente que se alcança derrotar, vergonhosamente cedido. Havia cedido, mas, com que autoridade?, à sua frente, impassível, a policial, cujas sobrancelhas depiladas desenhavam-se, em azul, histrionicamente arqueadas na pele escura da testa, fechava o passaporte retratando aquela possível outra mulher, para depois, olhos de peixe morto fixando olhos contornados de escuro e súplica, guardá-lo, imperscrutável, no bolso da camisa do uniforme condecorado de distintivo? E com que autoridade?, dando a impressão de pesar toneladas, ergueu-se para desaparecer pela porta no fundo do cubículo que ocupava, retornando muito tempo depois, as pavorosas unhas postiças cofando a ponta peluda do queixo, os olhos de peixe encimados pelas sobrancelhas de mentira encarando, indiferentes, a estrangeira estática em frente ao balcão. Funestos óculos escuros, desinteressados dos acontecimentos de que foram motivo imediato, postos no topo da cabeça, doloroso remorso atormentando a consciência, engoliu seco, trêmula, lápis castanho borrando a beleza verde dos olhos, o peso de saber-se pateticamente responsável pelo próprio martírio. Estóica,

os ombros desabados, conteve o choro, aguardou contrita, disposta a qualquer humilhação que lhe valesse o indulto de uma segunda, e ela mesma convinha, imerecida chance, a severidade de seu veredicto. “Dos días, solamente dos días”, prontificou-se, submissa, remordimento entalado na garganta, rápida na disposição de reparar o estrago de que fora, óculos escuros como meros partícipes, exclusiva responsável; “quedome por solamente dos días”, antecipou-se à negra corpulenta acomodando-se na cadeira que se desconjuntava, o uniforme deixando ver dobras de gordura na barriga espriando-se por debaixo das axilas até a planície das costas; “solamente dos días”, repetia-se em explícita demonstração de autoflagelo, os olhos verdes de longos cílios suplicando, luminosos, o beneplácito da autorização de ficar por “solamente dos días”, repetia sem descanso, a voz arrogante tornada mansa, o rosto de louça transfigurado de desesperança comoção. E a oficial imóvel, os olhos mortos de peixe boiando fixos sob o exagero kitsch das sobrancelhas. “A trabajo, vengo a trabajo”, emendou, disposta a qualquer sujeição humilhante, a cabeça confusa, entorpecida no rescaldo de substâncias ilícitas, a negra sem pelos na sobrancelha, em frente, embriagada no deleite da negatória infundada, as unhas de porcelana folheando de um lado para outro e depois de volta as páginas do passaporte, sem outro propósito além da cínica tortura por dilação, os olhos mortos de peixe boiando em infundado adiamento procedimental, “Solamente dos días, y a trabajo”, tornava à carga a mais franzina entre as duas, cabelos louros entornados sobre o balcão, as mãos estendidas à maneira de um pedido, “Por favor”, emendava mais com os olhos do que com a voz, que lhe saía embargada, carregada de trêmulo sotaque estrangeiro, a testa franzida de modo a, trejeitos dramáticos ondulando o supercílio, contradizer a traiçoeira altivez que lhe incutiam, na superfície, os caprichos da maquiagem. “Por favor” e o verde dos olhos iluminando, expressivos de sofrimento, tudo ao redor. “Por favor”, insistia, quase chorando, “Por favor”, tornava à carga alterada, arremetia-se contra o guichê emoldurando a desforra da policial, os olhos apáticos boiando no cubículo vazio, intolerável voyeurismo peixe-mulher às avessas, desvirtuando invioláveis lógicas de aquário. “Por favor,

vengo a trabajo, y por eso no puedo simplemente volver”, insistia, estreitando o corpo ao balcão, implorando, par de mãos que gesticula contido, cabelos louros derramando-se pidões, e a policial, unhas de porcelana colorida surgindo e desaparecendo no vaivém de estagnação do cubículo, peixe de olhos mortos parado no aquário, sorvendo, apática, pormenores no desespero servil emanando daquela presença estrangeira, prisioneira do lado pretensamente livre da divisória, suplicando o indulto de “no más que dos días”. E assim haveriam indefinidamente permanecido as duas, uma suspensa, outra derramando-se; ambas estáticas frente a frente, separando-as apenas os limites do aquário, não fosse, inesperadamente, despertarem, predadores, os olhos mortos de peixe da negra. Desconfiadas, encarando-se muito agudas nos olhos, reposicionaram-se as duas mulheres. Rearranjou-se, corpulenta, contra os resmungos extenuados da cadeira, semblante muito duro ostentando dois arcos de sobrancelhas azuis, a negra, avançou, voz seca de oficial, exigindo à outra mais documentos: além do simples passaporte, outros documentos, garantias em moeda estrangeira, comprovantes e minuciosas explicações acerca dos motivos que a traziam àquele país que dificilmente, agora ela falava de maneira institucional, se convenceria da necessidade e conveniência de uma tal visita, restasse claro, indesejada. Verificou então nota por nota do maço de dinheiro posto sobre o balcão, examinou, percorrendo com a unha de porcelana lilás ornamentando o dedo indicador de falanges tortas, os detalhes da reserva no hotel mais seletivo da capital, vasculhou, detalhe por detalhe, a história do que alegava a estrangeira implorando permissão de entrada por apenas, não suportava mais escutar aquelas duas palavras proferidas com sotaque infantil, “dos días”. Simulando esmero e justificável desconfiança, exigia, arremetendo-se contra a parede do aquário, salpicando de saliva o vidro, minudências a respeito daquela mulher; desafiava, ríspida intransponível, a insistência com que se portava a estrangeira; averiguava, ferina, a verossimilhança do que prejudicava falsos detalhes na história que aquela outra lhe vinha contar. No final da longa inquirição, franziu a testa, enigmática, tomou novamente o passaporte e, folheando-o com escrupuloso

vagar, resignada com o que via nas pequenas páginas correndo, aleatórias, de um lado para outro, movimentou os dois desenhos azulados fazendo as vezes de sobancelha, meneou, por fim, a cabeça, sinalizando que mais nada poderia fazer. Fechou-o, com uma careta, empurrou-o, juntamente com os outros papéis amontoados sobre o balcão, para o lado oposto da divisória de vidro circunscrevendo o aquário: “Hay que volver”, acrescentou como que por acaso, sem encarar aquela a quem não consentia ficar; “Adelante”: ordenou, indiferente à dramaticidade da cena, com um gesto de porcelana dirigindo-se ao último estrangeiro parado na fila. “Por favor!”, intercedeu transtornada, impedindo com o corpo de toxicômana a aproximação do turista usando chapéu, “Por favor”, implorou a mulher cujos olhos principiavam, muito verdes, a marejar. “Por favor”, repetia, o sotaque infantil acentuando o conteúdo trágico da situação fronteiriça, as mãos empurrando de volta ao interior do guichê a papelada de seus documentos. “No lo sé”, repetia lentamente, imersa em dúvidas de aquário, a negra cujo uniforme, sob pressão de tão intenso deleite autoritário, poderia a qualquer momento rebentar. “No lo podría hacer”, afirmava, olhos à deriva no cubículo, desinteressada da transgressão em curso diante de si, “No puedo hacerlo”, enfatizava imersa na incerteza vazia do aquário, ao mesmo tempo em que, complexas circunvoluções lilases evoluindo no ar, aproximava do passaporte o carimbo preso entre as afiadas unhas postiças. “Por favor”, suplicava, os olhos reprovadores do pai cravados em si, a mais bonita entre as duas mulheres, “por favor”, balbuciava, explicando, assomo de inútil franqueza, que não poderia “volver”. Caricata, folheando a caderneta com status de passaporte, à oficial, indiferente às súplicas a ela endereçadas pela mulher que os olhos do pai torturavam, após extenuante procura, foi finalmente possível encontrar um par de páginas vazias capaz de comportar as desproporcionais dimensões autorizadoras assumidas pelo carimbo de que era soberba detentora. Unhas de porcelana alinhadas, alisou a superfície de papel, de modo a que as páginas se conservassem, naquele exato ponto, abertas e firmes, comprimiu a base do carimbo contra a almofada azul posta ao seu lado, cuja tinta, teria observado a estrangeira, não se encontrasse em tão

adversas circunstâncias, parecia ser aquela mesma utilizada para colorir os arcos desenhados das duas estranhas sobranceiras naquela mulher, mas, neste momento, interrompeu-se. Largou o carimbo, tornou a fechar o passaporte, e, com o rosto consternado de absurdo supercílio de mentira, deixou de uma vez por todas claro que não seria de qualquer maneira possível. “Adelante”, o policial mulato chamava ao outro guichê o último estrangeiro torturado na fila. “Adelante”, escutaram as duas em silêncio, a criança cujo humor rapidamente deteriorava, pronta a indagar-lhe, quem, afinal, você pensa que é, sua serva atrevida?, a mulher adulta em ansioso silêncio, soluço de franco desespero pronto a escapar-lhe pela goela embargada. Olhe pra mim, exigiria arremetendo-se contra o balcão, o rosto banhado em lágrimas, não entende que esta é a minha única chance?, que não confiam em mim?, que pensam que sou como ela?, não sabe que era nisso que todos apostavam?, que eu não fosse capaz, e que mais uma vez haveriam de vir me buscar; que eu não seja mais nada além daquela causando imensos problemas?, não sabe que é a primeira vez que me concedem uma chance?, que se não conseguir, nunca mais terei oportunidade como esta?, “Por favor”, enfiaria o braço pela abertura por onde iam e vinham os papeis, as mãos delicadas tentando alcançar a negra do lado de dentro do aquário, faça qualquer outra coisa, mas não me negue esta chance, teria dito, agarrando-a pelo colarinho engomado, sabendo que se fosse obrigada a voltar, ele, o homem cujos olhos permaneciam cravados em si, nunca mais lhe permitiria tentar. “Por solamente dos días”, implorava, os olhos do pai cravados em si, o silêncio pesando entre as três distintas mulheres: uma negra boiando no aquário; uma estrangeira, loira, cujo semblante se decompunha; uma criança primordial, destilando, trêmula, profundo rancor.

“Adelante”, havia gritado o baixote ocupando o guichê ao lado daquele onde boiava a negra sem sobranceiras.

“Adelante”. E permaneceram estáticas, calculando-se por longo tempo as duas mulheres separadas pelo vidro delimitando o aquário, olhos verdes de toxicômana fixos nos olhos de peixe pairando em frente, olhos de peixe depurando rancores contra a

beleza do rosto do lado de fora, até que, sem mais, sem aparente motivo, em meio ao silêncio de impermeável antagonismo, com o arremate de rabiscos escritos pela caneta esferográfica pinçada entre garras afiadas de porcelana, a oficial cujas sobranceiras eram um embuste, autorizou, mistérios insondáveis entre duas mulheres, a curta estadia.

Pesada, levantou-se, dando, à mulher que muito lhe agradecia, as vastas costas prodigalizando fealdade e gordura. Incontestemente vencedora, fechou atrás de si a porta metálica do aquário, guardou, no bolso do uniforme condecorado com distintivo, um maço de dinheiro estrangeiro.

“Muchas gracias” e a negra dando-lhe, em cheio, na cara, as costas agigantadas espremidas pelo uniforme. “Muchas gracias”, e, entre aliviada e humilhada, recolheu do balcão o passaporte em cuja última página, com desdém, estava prevista, à caneta, caligrafia canhestra de laçarotes entrelaçados, a mesquinhez da estadia de dois consecutivos únicos improrrogáveis dias. Guardou-o na bolsa, juntamente com os demais documentos,. Sentiu, à medida que fechava o zíper do compartimento de cetim destacado para assuntos de passaporte, compaixão, tristeza e vergonha endereçadas a si mesma. Mas não choraria. Os olhos marejados estavam a ponto de transbordar, mas não choraria. Jamais concederia àquela mulher sem sobranceiras, os dois riscos azuis tatuados no rosto balofo, o triunfo de vê-la, derrotada, que se desconcerta, chorar. Não a uma negra, já que nem a Dindinha concedera um tal privilégio. Não a uma negra, repetia mentalmente, embora seus olhos, aqueles malditos olhos verdes desabrochados pelo rímel, teimassem em fazer escorrer no rosto lágrimas escuras de amarga derrota. Estava ferida, mortificada, estrangeira naquela terra de hediondos ciganos, tiranizada e humilhada por uma serviçal iletrada, mulher gigantesca, de sobranceiras e unhas postiças, mas aquelas lágrimas eram lágrimas sem qualquer sentido que, a rigor, sequer poderiam existir. Lágrimas temerárias fazendo borrar a pintura contornando os olhos herdados ao pai, lágrimas que sequer poderiam existir. Pronto, estava tudo muito bem claro, estava tudo além disso muito bem decidido,

sucedida mais uma vez o que sempre se lhe ocorria quando insistia em excursões no além-muros do sobrado, enxugava com a ponta dos dedos as linhas escuras percorrendo, sinuosas, seu rosto: não choraria e isso era tudo. Vendo afastar-se aquele último estrangeiro usando chapéu, vendo desaparecer pela porta nos fundos do guichê o policial mulato cumpridor de obrigações de fronteira, enxugou, removendo os excessos de maquiagem escorrendo das pálpebras, a intromissão furtiva de duas últimas lágrimas tolas. Fungou muito controlada, de modo a evitar que se lhe escorresse o nariz, fechou com força os olhos, a fim de, uma vez por todas, recompor-se. Suspirou. E de olhos fechados, contou de um até três e de um até três novamente, esforçando-se, concentrada, os punhos cerrados cadenciando a contagem, por definitivamente restabelecer-se. Um, dois, três, a sequência de números repetindo-se ininterruptamente, um, dois, três, assim como os frascos de conteúdos sintéticos perdidos no interior revolto da bolsa, um, dois, três, como os sufixos sintéticos rolando misturados na bolsa, um, dois, três, e o incontrolável soluço forçando passagem. Um, dois, três, até que o maldito espasmo veio à tona. Um par de malas, uma bolsa de couro trazendo três frascos de comprimidos, tabletes e cápsulas, um nó desfeito, e, então, absoluta elegância que desmorona no quase-centro geométrico da sala deserta, desamparada, o corpo convulsionado pelo choro, voltou-se violenta, defendendo-se de sua triste verdade, para o amontoado de divisórias formando o guichê, voltou-se buscando encontrar a feiúra da negra a contemplar, satisfeita, peixe morto que se regozija boiando no interior vazio do aquário, a cena patética do padecimento do que antes fora orgulhosa mulher estrangeira. Mas estava só. Naquele país, assim como em todos demais lugares de sua vida, estava completamente só. E, por isso, sofrida, o corpo doído de permanente encenar, chorou no tempo e intensidade de um único soluço. Contraíu-se, para, no momento seguinte, como sempre fora de seu feitio fazer, recompor-se integralmente refeita. E aquilo fora tudo. Aquele choro, que não passara de um soluço, fora tudo. Tanto fora assim, que se outra pessoa houvesse, se mais alguém se aproximasse por acaso passando, teria ouvido um guincho, um grunhido inarticulado bro-

tando no quase-centro geométrico da sala e, subitamente desperto de seus pensamentos, este alguém, este passante apressado, haver-se-ia voltado para a imponente figura de mulher acompanhando, sandálias rasteiras encobertas pelo tecido leve da calça comprida, elegantes bagagens. E franzindo o cenho, este indivíduo, esta hipótese de transeunte apressado, haveria procurado encontrar, tentando ver por detrás da sobreposição de mala e valise, um pequeno animal, um cão provavelmente. Sim, muito possivelmente um cão, já que se tratava de um aeroporto e não de um viveiro ou dependências mais flexíveis. E, ainda curioso, em busca do pequeno animal, cujo estranho guincho julgava haver com nitidez escutado, teria assistido à jovem, antes um pouco curvada, retornar à posição perfeitamente ereta, de maneira a exhibir-lhe, bela figura de mulher, o gracioso perfil confrangido. E, ajeitados os longos cabelos louros emoldurando o rosto, retocados com as pontas dos dedos os, àquela distância, imperceptíveis borrões castanhos da maquiagem contornando o soberbo par verde dos olhos iluminando tudo em redor, veria a altivez com que a jovem, seguramente estrangeira e muito rica também, acomodaria sobre a delicada ossatura do rosto ainda ligeiramente congestionado, seguramente em virtude da postura inclinada a que antes se houvera forçado, a estrutura de acrílico sustentando as lentes escuras dos óculos.

Atento à beleza esguia daquela mulher, tal solitária testemunha teria, por fim, esquecida do guincho que a fizera voltar-se, assistido à forma categórica com que a moça vestindo leves tecidos brancos escondendo sandálias rasteiras se dirigira, trazendo atrás de si a soberba sobreposição de mala e valise, à saída que lhe prometia o desconhecido para além da madeira do casebre chamado aeroporto.